

A EDUCAÇÃO NO CAMPO: a serviço de quem? E para quem?

Reidner Matheus Fernandes¹
Marcos Augusto Marques Ataídes²

Resumo

A escola rural necessita assumir suas identidades próprias, reveladoras também da grande diversidade humana que habita a contextualidade rural. Sendo que não podemos afirmar que há uma identidade única para a escola do campo, do ponto de vista em que, entendemos uma escola como construção ativa de conhecimento, em que o movimento pelo conjunto de atores e atrizes sociais que edificam a realidade de cada uma delas do entorno comunitário onde as unidades de educação se inserem nos fatos do cotidiano rural, através de uma perspectiva cultural e simbólica do campo. A realização desta permuta é determinada por um conjunto de factores em duplo sentido, nomeadamente através do uso dos transportes e do comércio. Uma parte do produto do trabalho dos camponeses converte-se em mercadorias a escoar para o mercado, dando começo à prática duma produção mercantil monetária.

Palavras-chave: educação do campo, espaço escola, realidade.

Introdução

É sabido da importância do conhecimento a partir das práticas sociais e vivências dos sujeitos nos espaços de vida, nos lugares, seja no campo ou na cidade. O espaço, o lugar, a cultura, as representações são conceitos e categorias caras à geografia humanista e cultural. Tal fato se dá por essa ciência, reconhecer a importância e íntima relação do sujeito com seu espaço vivido. O professor Armando Correia (1978) chamaria esse processo de “interações espaciais”, aqui entendida como “interações sócioespaciais” do vivido, do lugar do sujeito. O espaço é de extrema importância e entendê-lo exige muito do geógrafo, para isso há critérios e métodos a serem elaborados e aplicados, onde a cultura é mediadora entre o ser humano e a natureza e é o resultado da comunicação no grupo, na sociedade. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. reconhece-se que os argumentos e comunidades sociais geram modos de ser e de fazer, conhecimento, costumes, cultura, o *modus vivendi* entretidos no vivido com o cotidiano e suas tramas locais. Ressalta-se, nesse estudo, a importância da escola no processo de socialização dos sujeitos, também no campo.

O ESPAÇO ESCOLAR DO CAMPO

¹ Universidade Estadual de Goiás – reidnermatheus95@gmail.com

² Universidade Estadual de Goiás - ataidesmarcos@gmail.com

A escola rural é por si, um espaço do conhecer – do abrigar – da troca e no espaço de vida e de reprodução social. Seria demais dizer que a escola do e no campo possui caráter de assegurar o respeito à cultura local, os costumes e modos de vida dos camponeses, dos sujeitos rurais. Este modo de educar é a chamada pedagogia da alternância SANTOS (2006), a qual adapta a estrutura pedagógica ao ritmo dos alunos, que precisam, além de estudar, executar tarefas profissionais em suas terras. Grandes partes dos alunos sobrevivem do trabalho agrícola, marco econômico de quase todo o campo. A educação do campo deve ser construída assim para atender as realidades dos camponeses, garantindo sua reprodução social e o desenvolvimento de seus territórios e principalmente preservando a sua cultura local. Para NOGUEIRA (2009), a educação do campo transmite valores e ideologias. Além de valorizar os conhecimentos locais onde as praticas educativas são voltadas para a cultura local quanto a global. De maneira que preserve as especificidades da cultura do homem do campo.

As concepções socioculturais trabalhadas neste trabalho apontam que a escola do e no campo devem promover uma educação do campo e não para o campo, constituída de elementos necessários para execução de propostas pedagógicas que valorizem o sujeito dentro de sua peculiaridade cultural e social.

A REALIDADE

A educação do campo é constituída por uma longa trajetória de lutas e discussões no interior dos movimentos sociais, das entidades, representações civis, sociais e dos sujeitos do campo. A mudança conceitual da educação no/do campo reflete muito mais do que uma simples nomenclatura. É a educação no/do campo que inevitavelmente torna o resultado de um olhar politicamente referendado na busca pelos direitos sociais e na defesa da educação, da sociedade e do desenvolvimento, fatores indispensáveis para a concretização de projetos políticos e pedagógicos que busquem encarar a realidade e atender as necessidades das populações do campo. Sendo assim, essas são ações.

Um dos grandes desafios é pensar numa proposta de desenvolvimento e de escola rural que leve em conta a urgência de se superar a dicotomia rural/urbano, resguardando, ao mesmo tempo, a identidade cultural dos grupos que ali produzem sua vida. Isso significa dizer que a escola rural não precisa ser uma escola necessariamente agrícola; mas uma escola vinculada a cultura que produz [...] (tortelli, 2002, p. 30).espaçamento????

Pensar numa educação voltada para quem vive no campo, exige conhecimento das necessidades dos envolvidos nesse processo, levando em conta os aspectos de um modo próprio de vida social, mas sem perder de vista o global. O meio rural organiza-se de maneira diferente do urbano, possui suas particularidades que, também, devem ser trabalhadas em sala de aula. No meio urbano, pode-se notar no processo de ensino-aprendizagem e avaliação, características do individualismo competitivo, que diverge com muitas práticas realizadas no meio rural. É importante identificar, resgatar e respeitar os valores culturais que caracterizam essas comunidades. Para ilustrar a discussão, pode-se pensar nas famílias dos trabalhadores rurais, sujeitos do processo da reforma agrária, que demandam uma educação contextualizada com a realidade vivida por eles de luta e resistência nos acampamentos.

Escola rural e seu contexto socioespacial, mostrando os contrastes da sua relevância em auxiliar ao entendimento das questões que não foram respectivamente respondidas, e desenvolver discussões locais e a composição socioespacial e cultural. Através da escala de análise que ocorreram do pressuposto estudo de um inicial debate sobre o âmbito urbano inteiramente ligado ao rural. A teoria das representações sociais como método de análise estuda e constrói teorias a respeito desses fenômenos sociais que são extraídos de pensamentos, práticas e discursos inter-relacionados. Os movimentos sociais têm defendido uma política nacional de educação do campo, a fim de valorizar mais homem do campo. Percebemos que, cada vez mais, a escola do campo está sendo renegada à ‘não necessidade’ na sociedade.

As escolas no campo adotam uma pedagogia no estilo da educação urbana, que não leva em consideração a história e os interesses do camponês que ali se encontra enquanto sujeito. Segundo LEITE (1999), o caráter das escolas do meio rural é resultado de um processo histórico de marginalização da educação nestas áreas, partindo do processo de urbanização das mesmas, às políticas educacionais adotadas pelo estado. Dando assim uma caracterização pela falta destas políticas voltadas para esse fim caracterizando a desvalorização do homem do campo. Onde se estabelece uma vida limitada aos seus filhos. Além disto, os currículos geralmente não são interessantes, não atraem os estudantes, pois fogem à realidade de suas vidas e não adianta inculcar a cultura da cidade aos mesmos. Pelo contrário, esses devem ser adaptados à realidade local, valorizando aquilo que faz parte da vida dos alunos e de suas famílias.

Os calendários também devem ser adaptados, pois o período de férias coincide com a colheita das safras, o que causa o afastamento de muitos alunos, que precisam ajudar seus pais.

A EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO

O campo proporciona a alimentação e os homens da cidade fornecem as ferramentas, os artigos manufaturados e a tecnologia. Se a agricultura tornou possível o nascimento da cidade e condicionou a sua evolução, por sua vez, a cidade tornou-se essencial para facilitar as trocas ou a aplicação e manutenção de inovações técnicas. Ao longo dos anos, o conceito de educação, segundo gadotti (2004), tem se modificado de acordo com os interesses do grupo hegemônico na sociedade. Onde para ele a educação parte das relações sociais do trabalhador do campo, ou seja não há uma certa fundamentação característica para analisar a educação do/no campo sem a vincula-la com a organização social em que esta inserida. Esta é uma discussão onde cabe às categorias cidade, campo, urbano e rural, buscar definições não absolutas, fechadas, mas, tentando organizar uma reflexão sobre a escola no e do campo que tem sido o foco principal deste trabalho. Segundo Rodrigues:

As escolas rurais devem formar cidadãos dotados de mais autoconfiança pessoal e auto-suficiência técnica, de modo que possam ser eficientes corretores das suas ineficiências e ativos solucionadores dos seus problemas (...)A educação básica rural deveria ter um caráter mais instrumental, no sentido de proporcionar as crianças conteúdos úteis que eles possam aplicar na correção das suas próprias ineficiências e na solução dos problemas que ocorrem nos seus lares e comunidades.(RODRIGUES, 2007,p.62)

Com base no pensador Milton Santos, podemos formular perguntas sobre a escola rural no âmbito do cerrado goiano, e o trabalho com as categorias geográficas, bem as representações sociais. Ao iniciar esta discussão concernente às categorias cidade, campo, urbano e rural, não buscando definições absolutas, fechadas, mas, tentando organizar uma reflexão sobre algo que tem sido o foco principal. Influenciados pelo francês Henri Lefebvre, se aproximam ao compreenderem o rural e o urbano como modos de vida, como conceitos relacionais que contemplam cultura, costumes e hábitos, e assim vão além do território, da materialidade. Vários autores convergem ao considerarem o “novo rural” como não – rural,

visto que é criado por uma demanda da cidade e só tem aparência de rural. Escola rural carrega história de luta, empenho e cidadania.

A partir de um contexto histórico nos lembramos dos movimento rumo às cidades deu-se num tempo não tão distante, mas seu fluxo cultural contínuo aponta que o modelo de desenvolvimento adotado no estado de goiás, onde se territorializa o capital no campo e os sujeitos na cidade criando assim uma relação vice-versa. As contradições geradas pela reprodução do capital no campo brasileiro mostram que ao mesmo tempo em que o latifúndio e o agronegócio crescem a agricultura camponesa resiste, mesmo que na figura dos sem terra, ou dos que se reproduzem com pouca terra e muitas vezes encontram dificuldade para sustentar a família e sobreviver.

Devemos pensar a relação cidade/campo para refletirmos a urbanização tecnológica no campo e as suas influencias. O fato é que esta se há comunidades avançando em conquistas é porque há um conjunto de fatores envolvidos. Também não temos um ideal de ensino público. O conceito de ideal nos remete ao homogêneo, a uma situação estável. E a vida está em constante movimento. A educação do campo é um movimento e está em movimento. Sua força motriz é a luta pela superação das desigualdades econômicas, políticas, sociais e culturais que as populações camponesas vivenciam.

CONCLUSÃO

A partir do projeto pesquisa a escola rural e as representações socioespaciais dos alunos sobre o espaço – lugar no cerrado da microrregião de anápolis/go onde pretende-se dar continuidade e relacionar a intencionalidade que permeia a educação no e do campo, é a questão central do trabalho de iniciação científica, o qual foi desenvolvido por meio de pesquisa prática e teórica. Através análise direta e objetiva, podemos admitir que essas realidades revelem sua gênese. Esse contexto nos lembra que o movimento rumo as cidades deu-se num tempo não tão distante, mas seu fluxo cultural contínuo aponta que o modelo de desenvolvimento adotado no estado de goiás territorializa o capital no campo e os sujeitos na cidade criando assim uma relação vice-versa.

O trabalho em questão delinea características da abordagem cultural clássica e renovada. Essa abordagem se caracteriza pelos estudos voltados para temas ligados à, à

paisagem urbana e rural. Para analisar a cultura, é importante destacarmos a importância da percepção, das representações sociais, do significado e da subjetividade. A educação é um processo complexo que depende da consciência e da ação de seus agentes.

Referências Bibliográficas

FERNANDES, Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. I Encontro Nacional de Pesquisa em Educação do Campo. Brasília, 2005.

GADOTTI, Moacir. Concepção dialética da educação: um estudo introdutório. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

KOLLING, Edgar J; CERIOLI, Paulo R.; CALDART, Roseli S. Por uma educação do campo: identidades e políticas públicas 2ª edição. Brasília, 2002.

LEITE, Sérgio. Impactos regionais da reforma agrária no Brasil: Aspectos políticos, econômicos e sociais. In: Reforma agrária e desenvolvimento sustentável. Meada/Moda, Brasília: 2000.

NOGUEIRA, Alexandre Peixoto Faria; GARCIA, M. F. . Educação do Campo Reforma Agrária e Desenvolvimento Territorial: Inter-relações da questão agrária hoje. In: V Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2009, Niterói. V Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2009.

SILVA, Armando C.da. O espaço fora do lugar. São Paulo: Hucitec, 1978.